

Desafios do Crescimento

JORNAL DO BRASIL

- 2 AGO 1996

Os dados que vêm sendo divulgados sobre a economia brasileira com o fechamento do mês de julho estão cheios de estímulos para formas radicais de observação. Para alguns, a taxa de insucessos é grande. Para outros, as maternidades funcionam mais e melhor que os cemitérios.

As vendas da indústria paulista, a título de exemplo, tiveram uma queda de 7% no mês passado e a capacidade ociosa aumentou. Trata-se de uma fotografia incompleta da realidade, porque ignora as imensas transformações no perfil industrial e de serviços no país.

Ignora-se, por exemplo, o aumento rápido nos índices de produtividade industrial ao longo dos últimos anos. Tomando-se o exercício de 1991 como base 100, o índice de produtividade na indústria paulista atingiu 135 este ano, voltando a crescer depois de um intervalo coincidente com o aperto na liquidez e na inadiplência do fim de 95.

É possível compreender por que está aumentando a produtividade industrial: porque o parque produtor brasileiro (cruelmente ou não) foi exposto à concorrência estrangeira e teve que competir em custos. Boa parte dos problemas de desemprego decorre da necessidade de automação de linhas de montagem, revisão de métodos de produção e medidas gerais de economia para que as empresas possam continuar no mercado.

Trata-se de um processo doloroso? Sem dúvida. Muitas empresas tiveram de fechar suas portas, e encontram-se sinais de feridas abertas em cidades como Americana ou Franca, para citar só alguns exemplos de lugares onde a competição estrangeira desalojou têxteis e acabou com fabricantes de tênis ou sapatos de couro.

A resposta para os problemas derivados

da concorrência internacional não pode partir nem de um protecionismo cego nem da exposição das fábricas brasileiras aos *dumpings*; para ver se conseguem atravessar a nado o rio sem respirar.

A indústria brasileira tem todo o direito de cobrar do governo medidas que reduzam custos e simplifiquem a estrutura tributária para que possam competir em igualdade de condições com os concorrentes estrangeiros. Por isso, é de máxima importância a decisão do governo de antecipar a reforma tributária mediante lei complementar que reduz os encargos sobre as exportações.

Parte das excitações com o câmbio, que vivemos nos últimos dias, somente se explica porque as exportações estão rateando. E estão rateando menos por causa do câmbio e mais por causa dos custos. Evidentemente não se pode esperar que Santos ou outros portos se modernizem da noite para o dia. Estes são gargalos que dependem da instalação de novos terminais, da mesma forma que a modernização de ferrovias depende da velocidade com que se privatize a Rede ou a Fepasa.

O governo pode, porém, correr com a reforma tributária retirando os encargos sobre os produtos industrializados, semimanufaturados e agrícolas. De há muito discutem-se a retirada do ICMS e compensações aos estados pela perda de receita. As fórmulas são todas conhecidas. Espera-se agilidade na implementação dessas medidas para que o fim do ano, que se aproxima velozmente, não transforme profecias negativas em realidade. O aumento da produtividade industrial é um sinal de que o setor privado está fazendo a sua parte. As maternidades vão bem, e estão abertas. Se os mesmos índices ocorressem em Brasília, certamente o Brasil estaria a salvo dos viciados no catastrofismo.